

# JOSÉ BENTO: ESCULPIR NO ANTROPOCENO

**Ricardo Faustino Teles<sup>1</sup>**

Instituto Federal de Brasília

DOI: [doi.org/10.33871/21750769.2026.22.1.10955](https://doi.org/10.33871/21750769.2026.22.1.10955)

---

<sup>1</sup>Ricardo Faustino Teles é professor do Instituto Federal de Brasília (IFB), Campus Samambaia, onde atua na educação profissional e tecnológica (EPT) desde 2010. Doutor em Ciências Florestais pela Universidade de Brasília, integra o corpo docente do Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT) do IFB. Coordena projetos de pesquisa voltados à avaliação tecnológica de materiais, inovação no design de produtos, memória da educação profissional, interrelação entre arte e design, com publicações em periódicos nacionais e internacionais. Além da docência e pesquisa, atua em comissões acadêmicas, revisão de periódicos e orientação de mestrandos, contribuindo ativamente para o fortalecimento da pesquisa aplicada e da formação docente no campo da EPT.

[ricardo.teles@ifb.edu.br](mailto:ricardo.teles@ifb.edu.br)

[lattes.cnpq.br/7009980883749183](https://lattes.cnpq.br/7009980883749183)

[orcid.org/0000-0002-7405-4971](https://orcid.org/0000-0002-7405-4971)

## **José Bento: Esculpir no Antropoceno**

**Resumo:** É apresentada uma análise crítica da produção escultórica do artista brasileiro José Bento à luz do conceito de Antropoceno e da noção de *response-ability*, proposta por Donna Haraway (2016). Inserido em um contexto de urgência climática e colapso ecológico, o trabalho de Bento mobiliza a madeira como matéria viva, carregada de memória, cicatriz e tempo. Ao reutilizar troncos caídos, móveis descartados e espécies florestais diversas, suas obras tensionam os limites entre natureza e cultura, revelando uma poética da escuta e do cuidado. A exposição *Caminho de Guaré* (2024), na Pinacoteca de São Paulo, exemplifica essa abordagem, com obras como *Arco-Íris* (2024) e *Ar* (2021), que evocam, respectivamente, a diversidade ameaçada e a fragilidade da vida em tempos de crise. A crítica não se dá de forma panfletária, mas na sutileza da matéria: o ar esculpido, o feijão fossilizado, a madeira que já não brota, mas insiste em permanecer. Ao invés de representar a crise, Bento a materializa silenciosamente, exigindo do público atenção e escuta. Sua prática se alinha a outras vozes da arte ecológica brasileira, como Frans Krajcberg e Bené Fonteles, propondo uma estética situada, que recusa soluções simplistas e aposta em formas de resistência sensível. Assim, sua obra convida a um outro tempo: mais lento, atento e comprometido com o que ainda pode ser cuidado.

**Palavra-chave:** Escultura contemporânea; Arte e natureza; Estética ecológica; Response-ability.

## **José Bento: Sculpting in the Anthropocene**

**Abstract:** This text critically analyzes the sculptural work of Brazilian artist José Bento through the lens of the Anthropocene and the concept of *response-ability*, as proposed by Donna Haraway (2016). In a context marked by climate urgency and ecological collapse, Bento's work engages with wood as a living material, laden with memory, scars, and time. By reusing fallen logs, discarded furniture, and diverse forest species, his sculptures blur the boundaries between nature and culture, unfolding a poetics of listening and care. The exhibition *Caminho de Guaré* (2024), held at the Pinacoteca de São Paulo, exemplifies this approach through works like *Arco-Íris* (2024) e *Ar* (2021), which respectively evoke threatened biodiversity and the fragility of life in times of crisis. His critique is not explicit or didactic but embedded in the material: sculpted air, fossilized beans, wood that no longer sprouts but persists. Rather than representing ecological crisis, Bento silently materializes it, requiring from the viewer attention and responsiveness. His artistic practice aligns with other Brazilian ecological art voices, such as Frans Krajcberg and Bené Fonteles, proposing a situated aesthetics that resists simplistic solutions and embraces sensitive forms of resistance. Bento's work invites a different experience of time: slower, more attentive, and committed to what can still be cared for.

**Keywords:** Contemporary sculpture; Art and nature; Ecological aesthetics; Response-ability.

## **José Bento: Esculpir en el Antropoceno**

**Resumen:** Se presenta un análisis crítico de la producción escultórica del artista brasileño José Bento a la luz del concepto de Antropoceno y de la noción de *response-ability*, propuesta por Donna Haraway (2016). Insertado en un contexto de urgencia climática y colapso ecológico, el trabajo de Bento moviliza la madera como materia viva, cargada de memoria, cicatriz y tiempo. Al reutilizar troncos caídos, muebles descartados y diversas especies forestales, sus obras tensionan los límites entre naturaleza y cultura, revelando una poética de la escucha y del cuidado. La exposición *Caminho de Guaré* (2024), en la Pinacoteca de São Paulo, ejemplifica este enfoque a través de obras como *Arco-Íris* (2024) e *Ar* (2021), que evocan, respectivamente, la diversidad amenazada y la fragilidad de la vida en tiempos de crisis. La crítica no se manifiesta de forma panfletaria, sino en la sutileza de la materia: el aire esculpido, el frijol fossilizado y la madera que, aunque ya no brota, insiste en permanecer. En lugar de representar la crisis, Bento la materializa silenciosamente, exigiendo del público atención y escucha. Su práctica se alinea con otras voces del arte ecológico brasileño, como Frans Krajcberg y Bené Fonteles, proponiendo una estética situada que rechaza soluciones simplistas y apuesta por formas de resistencia sensible. Así, su obra invita a la experiencia de otro tiempo: más lento, atento y comprometido con aquello que aún puede ser objeto de cuidado.

**Palabras clave:** Escultura contemporánea; Arte y naturaleza; Estética ecológica; Response-ability.

Interrogar a natureza é, também, interrogar o humano. Tocar a natureza é sentir um mundo complexo e aberto para experimentações que são individuais, sensíveis e, ao mesmo tempo, acessíveis a todos. Dialogar com ela não é difícil, mas é necessário buscá-la, entendê-la e respeitá-la em toda a sua essência. Por vezes, a pressa em testá-la e exaurir a sua energia faz com que o resultado dessa ação seja algo perturbador para toda a sociedade, em um prazo que, para alguns, pode parecer longo, mas, para muitos, atualmente, como curto. O termo Antropoceno<sup>2</sup> aproxima-se dessa urgência e é compreendido como uma época em que os efeitos da humanidade estariam afetando globalmente nosso planeta. Em um tempo marcado por crises ecológicas, colapsos sociais e transformações radicais no modo como habitamos o planeta, a arte assume um papel de escuta, mediação e invenção de outros modos de estar no mundo. Mas, como artistas respondem, ética e esteticamente, a essa era de instabilidade e esgotamento? A obra do artista brasileiro José Bento oferece uma resposta poética e densa a essa pergunta, ao lidar com a madeira como corpo, memória e matéria viva, nunca passiva, que exige cuidado e negociação. A partir de suas obras e inquietudes, adentraremos nas relações entre arte e natureza, apoiando-nos nas características emergentes do termo Antropoceno como meio de comunicação entre essas linguagens.

3

O conceito de Antropoceno tem sido amplamente debatido nas ciências naturais, humanas e nas artes, como um marcador geológico e simbólico das transformações profundas provocadas pela ação humana no planeta. Mais do que um termo descritivo, o Antropoceno convoca reflexões éticas, políticas e estéticas sobre as responsabilidades humanas e os modos de habitar a Terra. Nessa relação entre o humano e o não humano, entre o fazer artístico e a matéria natural, emerge uma possibilidade de leitura por meio da noção de *responsability*, formulada pela pensadora feminista e pós-humanista Donna Haraway<sup>3</sup> (2016). O termo propõe mais do que responsabilidade: exige uma capacidade ativa de responder com atenção, sensibilidade e cuidado ao outro, seja ele

---

<sup>2</sup> Para uma melhor compreensão do termo, sugere-se a leitura do artigo de Paulo Artaxo (2014), intitulado *Uma nova era geológica em nosso planeta: o Antropoceno?*

<sup>3</sup> Donna Haraway é bióloga de formação e filósofa da ciência estadunidense, tem se dedicado, desde pelo menos a década de 1980, a pensar as relações entre tecnociência, mundo multiespécies e feminismo. No artigo *Antropoceno, Capitaloceno, Plantationoceno, Chthuluceno: fazendo parentes* (2016), Haraway apresenta de forma objetiva as relações antrópicas e não-humanas frente às crises climáticas atuais.

humano ou não. Nesse contexto, a arte emerge como uma forma de pensamento e prática crítica que pode problematizar os discursos hegemônicos do progresso e da exploração, reconfigurando imaginários e afetos em direção a uma sensibilidade ecológica mais atenta às interdependências entre humanos e não-humanos. No Antropoceno, onde a Terra se torna arquivo da ação humana, a obra de arte também é um gesto de memória e reconfiguração do mundo sensível.

José Bento Franco Chaves (Salvador, 1962), ou simplesmente José Bento, aborda questões importantes em que sua prática artística dialoga com a pressa do imediatismo. José Bento é um escultor autodidata que se mudou para Belo Horizonte em 1966, cidade na qual iniciou a experimentação escultórica, na qual emprega diversos materiais como madeira, vidro, metal, pedras, tecidos, além de animais e até mesmo o ser humano, que ativam e constituem a sua obra. Durante os anos de 1981 a 1988, o artista dedicou-se à criação de miniaturas utilizando palitos de picolé, uma fase marcada por detalhismo e inovação. Suas obras foram exibidas pela primeira vez em 1989 no Palácio das Artes, em Belo Horizonte, onde também apresentou caixas artesanais de madeira e vidro com desenhos internos feitos com mercúrio. Neste período, iniciou a exploração de esculturas feitas a partir de troncos caídos, selecionados principalmente na Mata Atlântica, entre Minas Gerais e Espírito Santo.

Entre os dias 23 março a 01 de setembro de 2024, a Pinacoteca de São Paulo, Museu da Secretaria da Cultura, Economia e Indústria Criativas do Estado de São Paulo, recebeu a instalação *Caminho de Guaré*, que apresenta três grandes gestos de José Bento: *Morrotos* (2024), massas topográficas criadas a partir de serragens, com diferentes aromas; *Arco Íris* (2024), um “arranha-céu” de grãos de feijão de madeira; e *Ar* (2021), cilindros de oxigênio feitos de troncos de árvores (Figura 1). O título que o artista deu à exposição é o nome pelo qual já foi conhecido justamente o local onde hoje fica a Pinacoteca: o Caminho de Guaré passava pela região da Luz, é um caminho estabelecido pelos indígenas que habitavam São Paulo antes da chegada dos europeus. Esta escolha mostra como Bento busca situar sua produção no território em que se encontra. A curadora da exposição, Lorraine Mendes, afirma que “percorrer o Caminho de Guaré é compreender o espaço em que estamos como lugar de consciência,

reconhecer a presença indígena nesse território e se entender também como parte dessa intrincada trama histórica” (Bento, 2024, n.p.). Ao estar presente em um contexto institucional, as obras de Bento tensionam esse lugar da arte, mesmo que posicionadas e selecionadas dentro de um processo curatorial cuidadoso, onde levam ao espectador questionamentos e estranhamentos sobre contextos pessoais, suas memórias e seu futuro situado em um ambiente de amplo diálogo.

**Figura 1** - Exposição Caminho de Guará, do artista José Bento (2024)



Fonte: <https://pinacoteca.org.br/programacao/exposicoes/jose-bento/>  
Acesso em 20 de maio de 2025.

A exuberância das obras de José Bento faz parecer que a madeira é um material receptivo para ser esculpido, moldado, usinado ou até mesmo coletado, pronto para o uso na experimentação. Digo coletado pois essa é a forma como o artista adquire a sua matéria-prima. Ele busca árvores que foram derrubadas e deixadas para trás, prontas para deteriorar-se com o tempo. Essa fonte, quase que inesgotável, parece esperar pelo artista. Para muitos, deixá-las ao tempo pode parecer algo natural, um serviço que a natureza realizará, entregando de volta ao solo os nutrientes que as constituem. Usar madeira reaproveitada ou oriunda de móveis descartados desconstrói o fetiche da madeira como luxo,

reintroduzindo-a como corpo histórico, cicatriz e tempo petrificado. Para o artista, trazê-la de volta a um lugar de diálogo faz parte de uma estratégia de comunicar algo em silêncio.

A obra *Arco-íris* (2024) emprega uma diversidade de madeiras brasileiras esculpidas em formatos de grandes feijões (Figura 2), com cores variadas e dispostas empilhadas, formando uma grande coluna. O que foi exposto não é uma mimese alimentar, tampouco uma simples evocação de uma leguminosa familiar que está presente na cultura brasileira e de vários outros povos. É a demonstração da diversidade que está em extinção, de um universo perecível de texturas, cores e formas variadas. É uma lembrança compartilhada por iguarias, cheiros, histórias de família, jeitos de cozinhá-las e afetos, por vezes, perdidos. O artista utiliza a gama de espécies florestais livremente disponibilizadas pelo próprio meio ambiente como base para refletir sobre o meio em que vivemos, a organicidade natural e a transformação da matéria, ativando o espaço ao redor da obra. É uma das aproximações do artista com o Antropoceno em sua forma mais sensível. Nela, coloca-se em xeque se as próximas gerações poderão experimentar alimentos de origens variadas, sabores distintos, madeiras coloridas e a organicidade natural dos elementos que compõem o completo biosistema. A arte aqui opera dentro do ciclo da vida, do cuidado consigo mesmo, com o outro e com todos os seres vivos.

**Figura 2 – Arco-íris (2024), José Bento, madeiras diversas**



**Fonte:** [https://eeb1663e.delivery.rocketcdn.me/wp\\_content/uploads/2018/10/DSC8362r-scaled.jpg](https://eeb1663e.delivery.rocketcdn.me/wp_content/uploads/2018/10/DSC8362r-scaled.jpg)  
Acesso em 20 de maio de 2025.

7

De modo complementar, a obra *Ar* (2021) radicaliza ainda mais essa reflexão ao propor diversos cilindros de madeira esculpidos no formato tradicional dos cilindros de oxigênio, em tamanho real dispostos na galeria (Figura 3). Novamente, as fontes das obras são madeiras coletadas pelo artista e trabalhadas diretamente em uma proposta crítica, com uma expressiva dualidade. Ora, como a madeira, como parte “morta” da árvore, pode ser considerada como um recipiente cilíndrico que contém oxigênio sob pressão para uso medicinal ou em outras aplicações? Como ainda podemos usar a madeira de árvores, que biologicamente são os principais seres vivos que realizam a fotossíntese e geram oxigênio para os seres aeróbicos? Este é um ponto de inflexão que se deseja refletir. Não há ar comprimido a ser usado nesses cilindros. O ar está presente nas células do vegetal, na estrutura orgânica da escultura e no meio onde os espectadores estão. O ar carrega os cheiros de cada uma das madeiras que dão origem às esculturas, carregando recordações e experiências anteriores. Carregam memórias tangíveis para muitos ao revisitar lugares guardados em nossas cabeças acerca da pandemia recente que passamos. Esse elemento, tão simples e disponível, infelizmente fez falta para

muitos de nossos entes queridos. Neste lugar, a arte se materializa em produtos que eram essenciais para muitos e indisponíveis para outros. A arte atinge um lugar sensível. A constância de linguagem é uma escolha conceitual, não uma limitação, na qual, onde ao insistir na madeira como corpo e tempo, o artista cava camadas cada vez mais profundas de sentido dentro de uma mesma matéria.

**Figura 3 – Ar (2024), José Bento, madeiras diversas**



Fonte: <https://eeb1663e.delivery.rocketcdn.me/wp-content/webp-express/webp-images/uploads/2024/03/Figura-1-Ar-2021.-Imagem-Thiele-Elissa.png>  
Acesso em 20 de maio de 2025.

A visibilidade da madeira nas obras de José Bento é um elemento que merece atenção e destaque. Em vez de buscar uma salvação tecnológica ou um retorno romântico à natureza, o artista esculpe com a matéria das sobras, com os restos do mundo moderno, expondo as camadas de tempo, trabalho e desgaste que essas formas carregam. O ar e o feijão, elementos ligados à vida, são evocados não por sua função vital, mas por seu eco material, onde os corpos de madeira, que já não respiram nem brotam, mas ainda insistem em se fazer visíveis.

Nesse gesto, há uma profunda sintonia com a proposta de *responsability* de Donna Haraway (2016), que propõe uma ética do cuidado e da atenção

compartilhada entre espécies e mundos, mesmo (ou sobretudo) em meio à ruína. *Response-ability*, aqui, não é restaurar o que foi perdido, mas aprender a viver com os vestígios, a ouvir a madeira, a responder aos silêncios do ar e da semente que não germina. Haraway propõe estabelecer relações de parentesco com aquilo que nos cerca. Bento, por sua vez, estabelece uma conexão com as árvores que encontra, reconduzindo-as a um novo estado de presença.

Bento aproxima-se de diversas práticas artísticas que incorporam criticamente as questões do Antropoceno, mobilizando tanto saberes tradicionais e estratégias contemporâneas para refletir sobre as relações entre arte, natureza e território. A obra de Frans Krajcberg (1921-2017), marcada pela utilização de madeiras calcinadas, raízes e resíduos naturais coletados em áreas de desmatamento, denuncia de forma poética e radical a destruição ambiental provocada por queimadas e práticas predatórias na floresta. Bené Fonteles (1953 - atual) desenvolve projetos que articulam arte, espiritualidade e ecologia, como nos *Territórios do Invisível* (2004), onde propõe uma escuta sensível e cosmológica do mundo natural. Essas práticas não apenas tensionam os limites entre arte e ecologia, mas também revelam a potência de uma estética situada, capaz de questionar os fundamentos coloniais e extrativistas que sustentam a crise ecológica contemporânea.

As obras não denunciam de maneira panfletária, mas habitam o colapso com paciência escultórica, devolvendo densidade aquilo que o Antropoceno tornou invisível: o ar, o alimento, o tempo do crescimento. Ao transformar a respiração e o cultivo em blocos de madeira, o artista nos convida a pensar o mundo a partir da matéria, e não apenas sobre ela. É uma arte que não representa a crise ecológica, mas que a materializa em silêncio, esperando que saibamos escutá-la.

As obras de Bento podem suscitar leituras ambíguas quanto ao seu posicionamento político. Ao trabalhar com restos de madeira, sementes e ar, o conjunto artístico pode lido como alguém que não denuncia diretamente questões sociais, políticas ou ambientais, tornando sua arte excessivamente contemplativa ou desligada de contextos urgentes. Ainda assim, a força política de sua obra não reside na frontalidade, mas na sutileza com que convoca uma

certa responsabilidade compartilhada. A crítica está na materialidade, na escolha dos restos, na insistência em ouvir a madeira, não no *slogan*.

Ao final, o que suas peças nos oferecem é um outro modo de experimentar o tempo presente. Um respirar lento e denso, feito de madeira, onde até o ar precisa ser esculpido para que não se perca. Diante da aceleração que marca o presente, Bento trabalha com o oposto: a paciência da escuta, o silêncio da matéria e a esperança enraizada nos restos. Em sua obra, o gesto artístico torna-se uma forma de resistência sensível: nem denúncia, nem utopia, mas um compromisso com o que ainda pode ser cuidado, mesmo que seja só a memória de um respiro ou a forma fossilizada de uma semente que não germina mais.

## REFERÊNCIAS

ARTAXO, Paulo. Uma nova era geológica em nosso planeta: o Antropoceno?. **Revista USP**, São Paulo, Brasil, n. 103, p. 13–24, 2014. DOI: [10.11606/issn.2316-9036.v0i103p13-24](https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i103p13-24). Disponível em: <https://revistas.usp.br/revusp/article/view/99279>. Acesso em: 01 jun. 2025.

HARAWAY. Donna. Antropoceno, Capitaloceno, Plantationoceno, Chthuluceno: fazendo parentes. Trad. Susana Dias, Mara Verônica e Ana Godoy. **ClimaCom – Vulnerabilidade** [Online], Campinas, ano 3, n. 5, 2016. Disponível em: <https://climacom.mudancasclimaticas.net.br/antropoceno-capitaloceno-plantationoceno-chthuluceno-fazendo-parentes/>. Acesso em: 01 jun. 2025.

JOSÉ BENTO: Caminho de Guaré na Pinacoteca Luz. **Arte Que Acontece**, 2024. Disponível em: <https://artequeacontece.com.br/evento/jose-bento-caminho-de-guare-na-pinacoteca-luz/>. Acesso em: 20 mai. 2025.

Recebido: 07/07/2025  
Aceito: 07/10/2025